

UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL FEITA NAS BORDAS: CARTOGRAFIAS DE OUTROS MODOS DE FAZER¹

Bruna Viberti Riedel², Ana Maria Hoepers Preve³

¹ Vinculado ao projeto “Cartografias intensivas em educação: outros modos de fazer para outras geografias”

² Acadêmica do Curso de Geografia Bacharelado – FAED – Bolsista PROBIC/UDESC

³ Orientadora, Departamento de Geografia – FAED – ana.preve@udesc.br

A presente pesquisa, vinculada ao projeto ‘Cartografias intensivas em educação: outros modos de fazer para outras geografias’ e, por sua vez, ao Grupo de Pesquisa ATLAS/UDESC teve como foco a pesquisa de um referencial teórico importante ao grupo, bem como num segundo momento a produção de um trabalho de finalização de curso no âmbito da instauração de outros modos de fazer para poder dizer uma outra geografia na interface com a educação ambiental. No primeiro momento, o contato com o trabalho de transcrição de duas palestras de uma noção muito importante nesta pesquisa: a noção de rizoma. A noção de rizoma vinda do livro Mil Platôs de Gilles Deleuze e Félix Guattari que pude acessar através de duas palestras ministradas por dois pesquisadores como aula aberta da disciplina ‘Cartografias intensivas em educação’ no PPGE/FAED/UDESC. A noção de rizoma inspirada no conceito botânica como um caule que cresce horizontalmente, na maioria das vezes subterrâneo, mas podendo, também, ter suas partes aéreas. Ele é bastante confundido com uma raiz, mas é classificado como um caule, crescendo sempre paralelamente com o solo. Já na Filosofia, o Rizoma é um modelo teórico criado por Gilles Deleuze e Feliz Guattari (1994) e usado para descrever uma maneira de encarar o indivíduo, o conhecimento e as relações entre as pessoas, os espaços e as ideias. O rizoma se configura como um sistema de pensamento por meio de uma perspectiva de múltiplos fluxos e opções e que não possui um centro específico. É como se o rizoma – como sistema – nos fizesse aprender sobre modos de vida e práticas sem a referência nos modelos de centramento. Não interesse o centro, antes as bordas, o trabalho coletivo etc. Estes filósofos trazem para esse sistema de pensamento as características do modelo arbóreo cujos princípios os quais já estamos bastante acostumados podem assim ser definidos: utilizam de modelos que se sustentam a partir de uma lógica de reprodução, intenciona a multiplicidade neutra a partir de eixos centrais que já estão pré-definidos, e contém uma estrutura hierárquica de geração e distribuição das relações de acordo com os canais pré-estabelecidos no modelo. O trabalho de transcrição dessas duas palestras (do professor e pesquisador Guilherme Carlos Correa/UFSM e da pesquisadora independente e cientista política Ana Godoy) desencadeou algo que não estava previsto na bolsista de iniciação, um aprendizado que possibilitou a produção de um trabalho de

pesquisa de conclusão de curso amarrando o conceito de rizoma a sua prática de pesquisa em educação ambiental. No segundo momento da pesquisa, me dirigi a pensar em uma imagem dada de Educação Ambiental a partir da construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso. O trabalho intitulado ‘Hortas comunitárias urbanas – caminhos para uma educação ambiental’ trouxe à tona o acompanhamento de uma estudante em hortas urbanas agroecológicas, dando ênfase na vivência de participação da horta do projeto chamado Agrorua. Este Projeto vê a agroecologia como ferramenta de transformação social, ocupando espaços ociosos com jardins comestíveis e que se localiza numa comunidade no bairro Centro de Florianópolis/SC. A partir da experiência de fazer parte do coletivo Agrorua estruturamos caminhos para uma educação ambiental ancorada no modelo do rizoma. O objetivo desse trabalho foi mostrar o quanto uma horta urbana pode trazer pertencimento, envolvimento com habilidades adormecidas para os seus participantes que se encontram em situações de rua. O envolvimento com eles através do projeto mostrou a importância desse saber (como se fosse um modo de fazer) que se produz nos coletivos e em conjunto para produzir uma vida nas bordas dos sistemas de produção. O trabalho foi realizado com muita mão na terra, saídas de campo, pesquisas relacionadas ao tema e conversas entre os participantes. Toda essa riqueza de produção pode ser visualizada na produção audiovisual que mostra sensivelmente a experiência que a estudante vivenciou ao longo deste período (<https://www.youtube.com/watch?v=hOmztjSg-PI>). Portanto, para fins de conclusão, a pesquisa parte do estudo de um conceito e se desdobra num modo de fazer e, com esse desdobramento, podemos concluir que a filosofia em estudo é uma filosofia que instiga práticas em educação geográfica com outras bases, neste caso a educação geográfica atravessada pela educação ambiental. Pensar de outro modo para fazer também de outro modo. O sistema de pensamento destes autores não se trata de um referencial fechado em si mesmo, antes aciona toda um sistema que nos possibilita enfraquecer o foco das referências fixas com os pontos centrais para vitalizar em nós uma atenção aos trajetos, ao que acontece entre os pontos. Pois é no trajeto, ou melhor segundo esses autores, é no meio que as coisas acontecem e tomam força. A força das situações está no meio e não no que vem antes ou chega depois, no começo ou no fim, a força se encontra lá onde ela acontece, neste caso no contato com a terra e com um projeto e com as pessoas interessadas. A pesquisa prática realizada por ocasião do TCC me fez manter uma atenção ao que acontece nos trajetos e com as pessoas envolvidas para trazer à tona a força do que fica nas bordas.

Palavras-chave: Educação geográfica, Educação ambiental, Rizoma.